

da imunodeficiência Adquirida (SIDA) e, conseqüentemente, ocorrência de doenças oportunistas. O cenário nacional, quanto ao HIV, ainda é profundamente atrelado a estigmas e sofre constante alterações, refletidas na modificação do perfil epidemiológico das pessoas vivendo com esse vírus.

Objetivo: Assim, propõe-se analisar a incidência das infecções por HIV durante os anos de 2010 a 2021.

Método: Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados provenientes dos Boletins Epidemiológicos de Hanseníase da Secretaria de Vigilância em Saúde, oriundos do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATA-SUS), além de dados quantitativos populacionais, de 2010 a 2021, provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As variáveis coletadas foram o número de casos de infecção por HIV totais e de acordo com as 5 regiões do país entre 2010 e 2021.

Resultados: Constataram-se 355868 casos de HIV no Brasil entre o período de 2010 a 2021, sendo que o ano de 2018 configurou-se como o ano com a maior porcentagem de casos confirmados (12,84%). Com relação aos dados analisados, constatou-se que a região Nordeste apresentou a maior porcentagem de casos de HIV (20,67%) entre 2010 e 2021. Foi observado um aumento da incidência de infecção por HIV, passando de 5,69 casos por 100.000 habitantes em 2010 para 21,92 em 2018. Entretanto, evidenciou-se uma queda abrupta da incidência em 2020 e 2021 que passou, respectivamente, para 15,44 e 7,13, devido a uma provável subnotificação dos casos, decorrente da pandemia de COVID-19.

Conclusão: Dessa forma, por meio do levantamento desses dados conclui-se que há necessidade de fortalecimento da capacidade dos sistemas de Vigilância Epidemiológica com relação a estratégia de saúde, além de identificação dos fatores de risco e de investimento em recursos midiáticos que informem a população acerca das formas de transmissão do HIV, conferindo mecanismos efetivos e aplicáveis de prevenção e assistência, para que assim seja possível uma redução efetiva do número de casos dessas infecções.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102614>

EP-188

EPIDEMIOLOGIA DAS INFECÇÕES POR HIV ENTRE 2010 E 2021 NO BRASIL

Ana Flávia de Mesquita Matos,
Maria Stella Amorim Zöllner

Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,
Brasil

Introdução: A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) ainda se configura como um grande problema de saúde pública mundial, visto que pode causar a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e, conseqüentemente, ocorrência de doenças oportunistas. O cenário nacional, quanto ao HIV, ainda é profundamente atrelado a estigmas e sofre constante alterações, refletidas na modificação do perfil epidemiológico das pessoas vivendo com esse vírus.

Objetivo: Assim, propõe-se analisar a incidência das infecções por HIV durante os anos de 2010 a 2021.

Método: Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo observacional, baseado em dados provenientes dos Boletins Epidemiológicos de Hanseníase da Secretaria de Vigilância em Saúde, oriundos do Sistema de Informações de Agravos de Notificações do Sistema Único de Saúde (SINAN/DATA-SUS), além de dados quantitativos populacionais, de 2010 a 2021, provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As variáveis coletadas foram o número de casos de infecção por HIV totais e de acordo com as 5 regiões do país entre 2010 e 2021.

Resultados: Constataram-se 355868 casos de HIV no Brasil entre o período de 2010 a 2021, sendo que o ano de 2018 configurou-se como o ano com a maior porcentagem de casos confirmados (12,84%). Com relação aos dados analisados, constatou-se que a região Nordeste apresentou a maior porcentagem de casos de HIV (20,67%) entre 2010 e 2021. Foi observado um aumento da incidência de infecção por HIV, passando de 5,69 casos por 100.000 habitantes em 2010 para 21,92 em 2018. Entretanto, evidenciou-se uma queda abrupta da incidência em 2020 e 2021 que passou, respectivamente, para 15,44 e 7,13, devido a uma provável subnotificação dos casos, decorrente da pandemia de COVID-19.

Conclusão: Dessa forma, por meio do levantamento desses dados conclui-se que há necessidade de fortalecimento da capacidade dos sistemas de Vigilância Epidemiológica com relação a estratégia de saúde, além de identificação dos fatores de risco e de investimento em recursos midiáticos que informem a população acerca das formas de transmissão do HIV, conferindo mecanismos efetivos e aplicáveis de prevenção e assistência, para que assim seja possível uma redução efetiva do número de casos dessas infecções.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102615>

EP-189

SARCOMA DE KAPOSÍ OCULAR COMO MANIFESTAÇÃO INICIAL DA SÍNDROME DE IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA

Victória Spínola Duarte de Oliveira,
Christini Takemi Emori,
Raquel Cordeiro Mendes,
Evelyn Lepka de Lima,
Gabriela Trindade Calixto,
Ana Luiza Castro Conde Toscano

Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER), São
Paulo, SP, Brasil

Introdução: O Sarcoma de Kaposi (SK) ocular é uma manifestação rara na apresentação inicial do diagnóstico da infecção por HIV.

Objetivo: Descrever um caso de SK em uma paciente previamente não diagnosticado com HIV.

Método: Relato de caso.

Resultados: Paciente masculino, 23 anos, pardo, natural e residente em São Paulo -SP, procurou pronto atendimento por

dispneia, tosse seca, febre e perda ponderal há dois meses, além de lesões nodulares e violáceas em membros e tronco, e no olho esquerdo, causando hiperemia e embaçamento visual desse lado pelo mesmo período. No exame físico da admissão, apresentava-se com massa ocular violácea em olho esquerdo, hiperemia conjuntival, lesões cutâneas em membros superiores, além de taquidispneia e dessaturação. Durante a investigação diagnóstica, por achados laboratoriais (hipoxemia, aumento sérico de DHL) associado a achados tomográficos (infiltrado difuso do tipo vidro fosco), recebe diagnóstico de pneumocistose, e solicitado anti-HIV (teste rápido), cujo resultado foi positivo. Foi internado para tratamento com Sulfametoxazol-Trimetoprim por 21 dias e suporte de O₂ não invasivo, com melhora clínica subsequente, recebeu alta e foi encaminhado para seguimento ambulatorial. No entanto, retorna ao serviço de pronto atendimento por piora das queixas oculares- turvação visual, hiperemia conjuntival e aumento da massa em olho esquerdo, além de edema, calor e rubor à montante. Aventada hipótese de SK cutâneo e ocular com infecção bacteriana secundária, confirmado através da biópsia de lesão cutânea, e achados tomográficos que sugeriram celulite periorbitária concomitante. Realizada antibioticoterapia com Oxacilina e estadiamento do SK com broncoscopia. Foram encontrados achados de disseminação da doença (em árvore brônquica e trato gastrointestinal). Iniciada quimioterapia durante a internação com Vincristina, Doxorubicina e Bleomicina e melhora importante das lesões.

Conclusão: Dado a gravidade da apresentação com desfechos desfavoráveis em diagnóstico tardio, esse caso ilustra a importância de suspeitar de SK ocular em paciente com hemorragia conjuntival e massa ocular e sua correlação com HIV/AIDS.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102616>

EP-190

HTLV E INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA EM IMIGRANTE PROVENIENTE DO HAITI - RELATO DE CASO

Bruno de Souza Mendes,
Pedro Augusto Simão Vasconcellos,
Raquel Silveira B. Stucchi, Plínio Trabasso

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),
Campinas, SP, Brasil

Introdução: A infecção pelo vírus linfotrópico de células T humanas (HTLV) é pouco investigada pois a maioria dos pacientes são assintomáticos e não há cura. Apresentaremos o caso de um paciente com leucemia/linfoma de células T adulto (ATLL) associada ao HTLV.

Objetivo: Destacar a importância de triagem para HTLV e a necessidade de conscientizar sobre sua prevenção.

Resultados: B.G., 41 anos, masculino, natural do Haiti, residente em Campinas há 11 anos, comissário de bordo. Paciente com histórico de gastrectomia subtotal por estrogiloidíase disseminada 8 anos antes, sem comorbidades, iniciou queixa de mal estar e febre. Em uma semana evoluiu com dispneia,

procurando atendimento. Foi internado para oxigenoterapia. Apresentava adenomegalia cervical, axilar, inguinal e mediastinal, além de linfocitose sustentada. Foi descartada Covid-19 e, tendo melhora com tratamento de pneumonia bacteriana, recebeu alta após 15 dias, continuando a investigação ambulatorialmente. Um mês após, apresentava dispneia aos grandes esforços, perda ponderal de 7kg e febre noturna, sendo internado novamente. Tinha células com núcleo multilobulado em sangue periférico (flower cells), infiltrado pulmonar em tomografia, lesões herpéticas em região lombar e verrucosas em genitais. Em biópsia de linfonodo foi feito diagnóstico de ATLL, confirmado em citometria de fluxo de sangue periférico. Sorologia para HTLV positiva e sorologia de HIV negativa. Evoluiu com insuficiência respiratória aguda com necessidade de ventilação mecânica. Teve pesquisa de Pneumocystis positiva no aspirado traqueal. Não respondeu a quimioterapia e zidovudina, falecendo 3 meses após o início do quadro.

Conclusão: A infecção pelo HTLV é uma doença negligenciada cuja transmissão se dá por via parenteral e sexual. Cerca de 2-5% evoluem para paraparesia espástica tropical e 1-3% para ATLL. Ela também é considerada fator de risco para outras infecções, tais como estrogiloidíase, escabiose, hanseníase e tuberculose. A ATLL é mais frequente em regiões de alta endemicidade, como o Haiti, e particularmente a partir da 4ª década de vida. Apesar da instituição de quimioterapia, apenas 20-40% respondem, com sobrevida média de cinco meses. Associação de zidovudina e interferon-alfa tem sido proposta como possível otimização terapêutica. Por não ser uma infecção de notificação compulsória, não se sabe a real prevalência do HTLV no Brasil. Estudos epidemiológicos para melhor conscientizar sobre propostas de prevenção são importantes, já que, por ora, não há cura.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102617>

EP-191

PREDITORES SOCIODEMOGRÁFICOS DA INCIDÊNCIA DE SÍFILIS CONGÊNITA EM ESTADOS BRASILEIROS

Pedro Pinheiro

Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil

Introdução: As últimas décadas viram reemergir a sífilis congênita como agravo relevante em saúde pública. A identificação de preditores socioeconômicos, demográficos e de assistência à saúde pode ser útil ao planejamento de políticas públicas.

Objetivo: Identificar associações de fatores sociodemográficos e epidemiológicos com a incidência de sífilis congênita nos Estados Brasileiros entre 2010 e 2020.

Método: Dados foram obtidos em fontes de domínio público: SINAN/DATASUS, IBGE e Atlas do Brasil. Foi aplicado modelo de Regressão de Poisson (single-step) para identificar associações entre as variáveis e o desfecho de interesse